

Paixão, turbulência e crescimento na clínica contemporânea

Gisèle de Mattos Brito¹

Resumo: A autora faz uma correlação entre paixão e sofrimento, que na vivência de turbulência da análise de Alexandra acompanha o surgimento de conhecimento e crescimento, por um lado; por outro, levanta a hipótese de estarmos expostos ao contato com aspectos da mente primordial que são diferenciáveis de manifestações alucinatórias. Essas ganham vida na sessão e se confundem com elementos simbolizáveis, que entretanto não podem ser pensados, somente sentidos e tolerados pela dupla. Destaca que o trabalho clínico baseado em um novo modelo de mente, que Bion propõe a partir de *Transformações* (1965), enfatiza um inconsciente a ser construído e a ser reconhecido em seus limites de cognoscibilidade. Faz uma reflexão sobre algumas formas de aproximação à clínica: o vértice pelo qual podemos nos aproximar da situação clínica e quais as teorias que sustentam o meu olhar.

Palavras-chave: paixão, turbulência, crescimento, clínica contemporânea, mente primordial, inconsciente construído

O belo é a verdade, a verdade é a beleza.

(KEATS, citado por MELTZER em

A apreensão do belo)

Para abordar esse tema, “Paixão, turbulência e crescimento na clínica contemporânea”, farei uma correlação entre a paixão como um sofrimento, que na vivência de turbulência da análise de Alexandra acompanha o surgimento de conhecimento e crescimento, por um lado; por outro, levanto a hipótese de estarmos expostos ao contato com aspectos da mente primordial que são diferenciáveis de manifestações

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)

alucinatórias. Essas ganham vida na sessão e se confundem com elementos simbolizáveis, mas que, entretanto, não podem ser pensados, somente sentidos e tolerados pela dupla. Faço uma reflexão sobre algumas formas de aproximação à clínica: o vértice pelo qual podemos nos aproximar da situação clínica e quais as teorias que sustentam o meu olhar. Destaco a importância de o analista trabalhar ciente das diversas dimensões em que o material clínico emerge na sessão e como poderá ser abordado.

A paixão

Para Bion, a paixão compreende uma das dimensões do objeto psicanalítico. É derivada de L, H e K (amor, ódio e conhecimento). É *uma emoção experimentada com intensidade e calor*, ou seja, é uma emoção que precisa ser “reconhecida” como presente em L, H e K. Para Bion, a evidência sensível da paixão não depende dos sentidos. Para ele, “paixão evidencia que duas mentes estão vinculadas” (1963/2004a, p. 28). Trata-se de uma experiência compartilhada e vivida na intimidade da dupla analítica.

Para Meltzer, “a descrição mais adequada de paixão poderia ser aquela de que nossas emoções estão engajadas de tal modo que amor, ódio e anseio pelo conhecimento são postos em marcha” (1995, p. 197).

Esse engajamento se dá no encontro profundo, íntimo e apaixonado entre duas mentes. É um encontro entre a verdade e a beleza. Como bem descreve Meltzer ao citar Keats: *O belo é a verdade, a verdade é a beleza*. Sofremos um impacto estético com a *beleza do mundo*, com a presença viva do outro e esse impacto pode gerar um conflito em que a pessoa, para evadir-se da dor mental, busca “evitar o impacto da beleza do mundo e da intimidade apaixonada com outro ser humano” (1995, p. 52). Estamos diante do conflito gerado pela presença do outro e não por sua ausência.

Em estímulo apresentado na SBPSP no grupo das “Conversas Psicanalíticas”, a colega Marta Prada e Silva desenvolveu algumas ideias sobre o conceito de paixão que me fazem um profundo sentido. Citando Kant ela diz:

Kant (*Crítica do Juízo*) ressalta que a paixão domina a conduta, apodera-se da personalidade e, para esclarecer sua concepção de paixão, a contrapõe à emoção: a emoção é precipitada e irrefletida. A paixão é lenta e refletida para alcançar seu objetivo, apesar de poder ser violenta. A emoção é como uma enxurrada que rompe o dique; a paixão é como uma corrente que vai aprofundando seu leito. (Silva, 2013)

A ideia é que a emoção trabalhada pela paixão aprofunda o leito e promove profundas modificações.

Marta liga ainda a paixão ao conhecimento e ao sofrimento, no sentido de que para conhecer precisamos nos deixar sofrer, ser afetados, trabalhados pelas nossas emoções. Essas emoções moduladas pela paixão, propiciam as experiências emocionais no contato íntimo com outra mente, gerando o conhecimento profundo de nós mesmos e do outro.

Turbulência

Bion define “turbulência psicológica” como um estado de mente cuja qualidade dolorosa pode ser expressa em termos emprestados de São João da Cruz (1965/2004b). Noite de trevas... em que a alma deverá se libertar dos desejos e “sentidos humanos” e viajar com fé para unir-se a Deus, que também é noite de trevas. São João da Cruz assim expressa o longo, doloroso e turbulento processo em que alma busca se unir a Deus.

Assim também podemos pensar o processo analítico, como um longo e doloroso processo em que a pessoa busca junto a seu analista libertar-se das amarras (resistências) que impedem o encontro profundo e verdadeiro consigo mesma. Não há como escapar, neste encontro, de lidar com emoções como amor, ódio, desespero, sentimentos de perseguição e depressão, ou seja, vivências carregadas de intensa turbulência emocional.

Esta trajetória poderá possibilitar a pessoa evoluir de K→ O, o que Bion define como um *conhecimento sobre* (K) em mudança para o *tornar-se* (O). O conhecimento sobre K é intelectualizado e carregado de memórias, desejos, necessidade de compreensão e percepção sensorial; um

acúmulo de conhecimentos muitas vezes desconectados da experiência vivida. O *tornar-se O* vai ao encontro da verdade de si mesmo, da realidade última e incognoscível. É uma experiência vivida, encarnada. Bion esclarece que “a transformação de O→K depende de livrar K de memória e desejo” (1970, p. 45). Ou seja, o *conhecimento* (K) fundamental é aquele adquirido pela experiência e que pode servir de continente para o colocar-se em uníssono com a realidade no *tornar-se O*.

Como bem aponta Hartke, em belíssima conferência de encerramento do Congresso de Bion, em Boston. Referindo-se à “Turbulência psicológica” em seu sentido mais profundo e radical ele diz:

Eu a concebo como uma espécie de vertigem psíquica associada ao salto no escuro em direção a O e ao contato em si com O, que necessita ser contida para que ocorra a “mudança do aprendizado ao crescimento”, conforme diz o subtítulo de *Transformações* (1965) ... E ainda: Para Bion (1965), o motivo fundamental de todas as resistências é justamente o temor à Turbulência Psicológica desencadeada pela ameaça da Transformação em O. Por isso mesmo, a maturação é temida e detestada... (Hartke, 2009, p. 5)

A pessoa toma inúmeras medidas para se afastar do contato com a verdade, com O, como uma tentativa de escapar da dor mental e turbulência que esse “salto no escuro em direção a O” desperta. Por outro lado, quando é possível navegar em mar turbulento e incerto, adentrando no desconhecido de si mesmo e acolhendo as percepções e ideias novas que emergem na relação analista e analisando, a pessoa poderá alcançar um grau de maturação que Bion correlaciona ao tornar-se si mesmo e que possibilita crescimento mental.

Uma aproximação à clínica

Em recente reunião no Grupo de Estudos das Supervisões de Bion, Leopold Nosek chamou a atenção para o fato de que, na atualidade, o grande debate na psicanálise envolve a seguinte ideia: há um inconsciente a ser revelado ou um inconsciente a ser construído? Como

o analista se aproxima da fala do analisando? Dependendo das teorias que sustentam a clínica de cada analista, a aproximação ao discurso do paciente será escolhida.

Posso tomá-lo numa dimensão mais freudiana da primeira tópica, em que a tarefa do analista seria a de tornar consciente o inconsciente. Se parto desse referencial, e trabalhando nessa dimensão, estou apoiada na ideia de que há um inconsciente construído que deverá ser revelado, ou seja, tornado consciente para o paciente.

Há uma segunda forma de aproximação do material. Nesta dimensão trabalhamos com a ideia de que não há um inconsciente construído e sim um inconsciente a ser construído. Aproxima-se mais, como bem aponta Nosek, da segunda tópica freudiana, em que a maior parte do inconsciente está para ser construída e a tarefa do analista é dar existência e contribuir para a construção de um psiquismo. Os trabalhos de Bion (1965) a partir de *Transformações* apontam nessa direção.

Algo que Hartke também destaca:

O inconsciente como reservatório das pulsões eróticas e destrutivas é complementado ou, *para muitos analistas, substituído pela ênfase no ainda “não descoberto” ou “não evolvido” (undiscovered or unevolved) que não necessariamente tem origem no próprio indivíduo.* (Bion, 1965, p. 171, citado por Hartke, 2009, p. 2, grifo meu)

Ou seja, a ênfase é posta sobre o inconsciente a ser descoberto, ao desconhecido, ao não evolvido da experiência emocional presente.

Mas vou aqui colocar-me em uma terceira forma de aproximação ao material clínico, à qual João Carlos Braga chamou-me a atenção, pode ser encontrada em Bion (1976-1978) em seus últimos trabalhos, como bem descrevem Junqueira Mattos e Braga (2009). Eles postulam que parte deste inconsciente jamais será revelada e construída. Ele só poderá ser identificado e a pessoa poderá conviver com as manifestações desse inconsciente, mas nunca com sua elaboração. Trata-se de uma vivência aterrorizante de contato com o que Bion descreve como uma “consciência moral primitiva”. Segundo esses autores:

Podemos dizer que “consciência moral primitiva” ilustra a dimensão dos “pensamentos sem pensador”. Juntamente com os sentimentos de “dependência e de ser inteiramente só” e do “urge para existir”, constitui manifestação identificada com uma mente primordial, enraizada no funcionamento cerebral e glandular pré-natal, permitindo-nos um vislumbre de uma dimensão da mente que fica-nos inacessível com a cesura do nascimento. É um conceito que surge com os últimos acréscimos feitos por Bion em seu modelo da mente (1976-1979). (Junqueira Mattos & Braga, 2009)

Essa mente primordial compreende um funcionamento fora do âmbito consciente-inconsciente, e, portanto, mental, mas decorrente de registros de experiências pré-natais, de contato com o inacessível. O feto não teria como pensar esses registros, pois os mesmos precederam o desenvolvimento do cérebro. Como apontam Junqueira Mattos e Braga, “formar-se-ia, assim, uma área de registros psíquicos inacessível ao sistema consciente-inconsciente, mas, nem por isso, não operativa e nem existente (2009, p. 12).

Como identificarmos em que dimensão nosso paciente se manifesta? Essa é uma questão muito difícil de abordar. Minha impressão é que os anos de experiência, em algumas análises, e a recorrência de certas vivências nos expõem ao contato com material eivado de sofrimento em que observamos a falta de evolução, de transformação que nos permitem aproximações com a hipótese de estarmos frente a manifestações da mente primordial.

Um pouquinho de Alexandra...

Com duas interrupções pequenas, Alexandra está em análise comigo há oito anos. Seu sentimento de paralisia foi desde o início motivo de sua procura por análise. A personagem Biela, do livro *Uma vida em segredo*, do autor Autran Dourado (2005), recorrentemente retrata suas angústias quanto a ficar aprisionada.

O livro conta a vida de Biela: uma moça criada pelo pai numa fazenda, no sertão de Minas Gerais, junto aos serviçais. Moça muito simples e reservada, com a morte do pai foi morar na casa de um primo

que a recebeu junto a sua família. Constança, esposa do primo, faz de tudo para adaptar Biela à vida em sociedade. Faz-lhe vestidos com tecidos caros, ensina-lhe bons modos. Até mesmo estimula um casamento que não se realiza, pois o noivo foge pouco antes do casamento. Biela, frente a essa desilusão, abandona de vez o desejo de se adaptar. Na verdade, não consegue se adaptar àquela vida e com o tempo vai se restringindo ainda mais ao mundo que cria, junto aos serviçais de outras casas. Embora com posses, trabalha fazendo serviços domésticos para outras famílias. Guarda seu dinheiro em potes que esconde debaixo da cama. Sua vida é simples e restrita, não consegue utilizar o dinheiro que ganha e muito menos a fortuna que herdou do pai. Até que adota um cachorro sarnento que chamou de Vismundo – que trouxe para sua vida a face alegre e algum sentido no mundo. Vismundo a permitia ver o mundo com leveza e alegria. Mas essa era uma vivência muito íntima que mantinha em segredo.

Buscarei dialogar com Biela e Alexandra.

Material clínico

Primeiro fragmento:

Alexandra deita-se e passado um tempo diz:

A – *Acho que não tenho nada para falar hoje. Estou sem assunto.*

G – Hum... Sei...

A – *Você não acredita né?*

Fico em silêncio.

A – *Estou pensando em parar a análise. Continuo com essas ideias.*

Lembro-me de Biela neste momento e digo:

G – *E ficar parada com os pés pregados no chão? Paralisada?*

A – *Estou um pouco desestimulada com a análise. Parece que estamos tocando a análise, e não tenho sentido que estamos mais produzindo.*

G – *Compreendo. Então nós estamos paralisadas?*

A – *Sinto-me constrangida em falar isso. Fico pensando que eu tenho responsabilidade nisso. Acho que não estou trazendo as coisas de forma a colaborar mais com você. Também me parece que você está um pouco distante de mim.*

G – O que isso te sugere? Como me sente assim distante?

A – *Parece que tem estado mais quieta, triste. É engraçado, mas eu também me sinto assim mais quieta e triste. Foi muito difícil ter cancelado minha participação naquele evento. Não estou conseguindo escrever o trabalho. Tenho a sensação de que o tempo passou. Já não é mais para mim. Eu deveria estar fazendo coisas mais apropriadas a uma pessoa da minha idade, e deixar esses sonhos de crescimento profissional e pessoal.*

G – Então, você fica assustada e triste. Teme que, se nós não produzirmos na análise, você também ficará impossibilitada de realizar esse sonho: a experiência de se sentir fértil e produtiva. E você parece ligar essa possibilidade a conseguirmos estar juntas, conectadas.

A – *Sim, é verdade.*

Após um silêncio, diz:

A – *Parece que eu não posso ter um lugar de destaque. Não posso aparecer. Você se lembra de que quando cheguei para morar na casa de minha tia com 9 anos, logo no início minhas notas foram maiores que as de meu primo. Minha tia não se conformava: como eu vindo da roça poderia tirar aquelas notas? Sentia-me tão constrangida e envergonhada que não conseguia falar nada. Só chorava.*

G – Sim, mas agora é você mesma que insiste em não acreditar em você, em não acreditar em nosso trabalho, em não se apropriar de seu enorme desenvolvimento. Fica empobrecida, acuada e com medo.

A – *Sinto muito medo mesmo. Em outros momentos sinto-me animada. Acho que posso fazer um bom trabalho... Estou aqui me lembrando de como foi importante ter conseguido fazer o projeto do trabalho. O quanto isso clareou para mim os caminhos que deveria tomar para não me perder e ficar confusa.*

G – Parece que agora você está podendo se sentir conectada novamente a você e se sentindo capaz. É bacana isso!

A – *Bacana é sentir você perto de mim.*

Longo silêncio.

A – *Estava sentindo que estávamos ligadas por um fio longo... Eu não me desliguei de você, mas estávamos distante. Agora estou sentindo você mais perto de mim.*

Silêncio longo.

G – Então, bacana é estarmos juntas?

A – *É isso mesmo.*

Segundo fragmento:

Alexandra esqueceu a chave. Passados uns cinco minutos bateu na porta de saída. Lamentou não ter batido antes e ter perdido um pedaço da sessão. Ao deitar-se comenta que havia sonhado comigo quase a noite toda.

A – *Uma sonharada. Eu sonhei que estávamos em uma casa e eu estava te ajudando a cuidar de seu filho mais novo. Meu filho mais novo também estava junto. Cuidávamos juntas. Daí depois parecia que estava em outra casa e queria te avisar que não poderia vir à sessão, mas não conseguia falar com você. Então eu ligava na sua casa e falava com uma de suas empregadas para que te avisassem. Parecia que tinham um telefone que falavam diretamente com você e que eu não tinha acesso. Meu sentimento no sonho era que as empregadas tinham mais acesso a você do que eu.*

Esse sonho me fez pensar numa conversa que escutei de você com seu filho semana passada. Parece que ele esqueceu um trabalho no seu carro e você falava para ele que havia deixado na portaria e não poderia continuar falando, pois tinha paciente aguardando na sala de espera. E você ao falar com ele chamou-o de amor duas vezes.

Eu fiquei pensando... Nossa! “Paciente” na sala de espera! (Fala com um tom de deboche). Ela nem falou “a paciente”. Se ainda tivesse usado um artigo antes de paciente! Senti-me “uma qualquer” na sala de espera: paciente! (mesmo tom).

Rimos juntas.

G – Embora em muitos momentos você possa sentir que estou junto de você, próxima, em outros momentos isso não é possível. Não há como escaparmos de ter que nos sentir de fora, excluídos. Essa é uma dor que não podemos evitar, ainda que você tenha um lugar muito especial dentro de mim.

A – *Seria muito bom sentir que também sou seu amor. (Sorri meio sem graça).*

Silêncio...

G – Sim, compreendo, mas isso não evitaria o sentimento de se sentir só e dependente, assim como excluída.

Lembro-me nessa hora de uma música de Gilberto Gil: *Eu preciso aprender a só ser*. Internamente rememoro a letra.

Sabe, gente

É tanta coisa prá gente saber

O que falar, como andar, onde ir

O que dizer, o que calar, a quem querer

Sabe, gente

É tanta coisa, que eu fico sem jeito

Sou eu sozinha e esse nó no peito

Já desfeito em lágrimas

Que eu luto prá esconder

Sabe, gente

Eu sei, que no fundo, o problema é só da gente

É só do coração dizer não

Quando a mente tenta nos levar à casa do sofrer

Quando escutar um samba-canção assim como:

Eu preciso aprender a ser só

Reagir e ouvir o coração responder

Eu preciso aprender a só ser

Sabe, gente

É tanta coisa que eu nem quero saber

Envolvida com minhas impressões e lembrança da música digo:

G – Estava aqui pensando que há tanta coisa para gente saber, para gente aprender, mas há coisas que não podem ser aprendidas. Elas precisam ser vivenciadas, sentidas. Há uma música do Gil que fala um pouco disso: de aprendermos a ser sós, mas mais do que isso, de aprendermos a só ser.

A – *Você me emocionou agora.*

Terceiro fragmento:

Ao cumprimentá-la percebo que não está bem. Caminha para o divã e me explica que seu atraso se deveu ao trânsito enorme e que não havia lembrado que, quando vem para análise direto de sua casa, leva mais tempo do que do trabalho.

Conta-me que não ficou satisfeita com o texto que havia feito e não sabia se conseguiria arrumá-lo até o prazo definido, cerca de uma semana. Diz que no caminho para análise veio pensando em como não foi uma boa mãe para os seus filhos. Que havia errado tanto com o Y como com o D. Cita algumas dificuldades de um dos filhos que omito por segurança. Chora bastante e diz:

A – *Ajuda-me, Gisèle, eu não sei, por que estou assim? Eu sinto uma culpa...*

Passado um tempo diz que não conseguia terminar nada que fazia, não conseguia fazer nada bem feito. Lembra-se nesta hora de uma reportagem que lera sobre uma gangue de garotas que se organizaram para roubar e usar drogas, e que uma delas deu um tiro no pé e quase morreu, pois perdeu muito sangue. Por outro lado, leu sobre umas meninas de uma classe social, também muito baixa, que se uniram para treinar e participar das Olimpíadas em vários esportes: tiro ao alvo, arco e flecha etc.

A – *Veja bem, Gisèle, que diferença!*

Digo a ela que me fazia ver como sofria com essa gangue dentro dela que saía destruindo tudo e a fazendo-a se sentir incompetente, má mãe, sem recursos, sem nada e correndo risco de esvair-se. Por outro lado, também me mostrava que havia inúmeros recursos que se uniam, como no grupo das meninas que se uniram para treinar e que essas eram realidades que sentia igualmente presentes. E digo ainda:

G – Posso compreender o quanto é difícil e doloroso transitar por essas vivências e tolerá-las sem precisar se destruir.

A – *É muito difícil, Gisèle. Eu não vou conseguir. Eu não tenho cura, Gisèle. Vou ser sempre Biela.*

G – Pois é, me chama a atenção que, no momento em que está mais produtiva e realizando tantas aspirações, esse sentimento violento

e destrutivo emerja com tanta força e te faça quase acreditar que não tem valor algum. É, mas você vem e traz tudo isso para pensarmos juntas. Lembrei-me do Vismundo. Ele ofereceu a Biela a oportunidade de outra visão do mundo. Tenho a impressão de que apesar da dor, do sofrimento e da consciência de que talvez não possamos mudar tudo, quem sabe uma nova visão possa te ajudar a suportar essas vivências destrutivas.

Alexandra balança a cabeça positivamente.

Discussão

A necessidade não é de uma base para a Psicanálise e suas teorias, mas sim uma ciência que não esteja restrita pela sua origem no conhecimento e 'base' sensorial. *Ela precisa ser uma ciência de "estar-uno-a"*. (Bion, 1970, p. 99, grifo meu)

Braga, em belíssimo trabalho, chama a atenção para que as *experiências emocionais podem servir de fio condutor nos labirintos da mente multidimensional*. Ou seja, por meio do contato com a experiência emocional o analista poderá, se utilizando dela, adentrar no labirinto da mente multidimensional, que compreende: o sensorial, o conhecer e não conhecer, a alucinação, o ser ou tornar-se a realidade, os pensamentos sem pensador e a mente primordial.

Assim diz Braga:

A cada momento, estas dimensões estão todas presentes e "sintonizar" uma ou outra é questão de suas próprias intensidades e do observador dispor de uma mente disciplinada para tal tarefa. É um modelo de mente ainda incipiente, talvez como as cartas náuticas desenhadas pelos primeiros circunavegadores: nelas distinguimos os grandes continentes e tentamos mapeá-los com recursos ainda precários (2011, p. 7).

Os recursos de que o analista dispõe são principalmente sua intuição e condição para acolher suas impressões (*impressions*) e o que Bion chamou de *feelings* (nossa apreensão de experiências emocionais), e permitir que essas evoluam para formular uma interpretação ou indagação.

Minha impressão é que Alexandra oscila entre essas diversas dimensões. Sinto que busca em mim um contato vivo, intenso e profundo. Ressente-se quando sente qualquer afastamento de minha parte. Reage sofridamente. Muito embora responda com sonhos e associações ao nosso trabalho. Sinto que há uma tomada de consciência de elementos que consegue conectar, representar e, neste sentido, percebo que conseguimos construir elementos inconscientes.

No primeiro fragmento, após apontar que ela insistia em não acreditar nela e em nosso trabalho, e que não se apropriava de seu enorme desenvolvimento, ela passa a reconhecer. O que foi questionado e demonstrado foi o mito pessoal de Alexandra de que não tem recursos. A partir desse momento na sessão ela diz:

A – Sinto muito medo mesmo. Em outros momentos sinto-me animada. Acho que posso fazer um bom trabalho. Estou aqui me lembrando de como foi importante ter conseguido fazer o projeto do trabalho. O quanto isso clareou para mim os caminhos que deveria tomar para não me perder e ficar confusa.

Quando chamo sua atenção para o fato de que me parecia que havia podido se conectar a ela mesma e ter retomado o sentimento de capacidade ela diz:

A – Bacana é sentir você perto de mim.

Sua entrega é intensa e apaixonada, busca minha mente, minha presença viva, próxima. Busca se conectar a mim. Como propõe Bion: *paixão evidencia que duas mentes estão vinculadas*. Alexandra não evita 'o impacto com a beleza do mundo', pelo contrário, ela se dispõe a sofrer seus sentimentos. Ela não apenas sente a dor, ela sofre a dor Bion (1970) e, por um lado, aprende com o sofrimento. Expõe-se à vivência de turbulência que evolui para um crescimento e conhecimento na vivência de transformação de O→K.

Por outro lado, parece exposta ao contato com a mente primordial, com angústias que não encontram representação e que despertam intensos sentimentos de perseguição, culpa e desespero. Nessa hora tudo fica destruído, não sente ter recursos, vê-se desqualificada, empobrecida, destruída e principalmente culpada. Culpada, culpada, culpada... O

sentimento de paralisia toma corpo (Biela), sente-se ameaçada de uma parada de desenvolvimento.

Braga destaca que frente às manifestações e contato com a mente primordial:

Sentimos o impacto das manifestações impositivas advindas deste contato; o que o analista pode é suportar o contato com este vazio psíquico e aprender a reconhecê-lo. Para tanto, precisa formar uma representação deste irrepresentável, a partir da experiência emocional que surge quando a mente tenta conter as emanações do contato com esta condição inacessível. (2011, p. 25)

Conjecturo que já no segundo fragmento nos deparamos com essa dimensão do inacessível. Parece insuportável conter dentro dela o sentimento de *ser só e ao mesmo tempo dependente*, assim como também de se sentir excluída. A impressão que tenho nessa sessão é que oscila com certa velocidade entre a dimensão do conhecer e da mente primordial. Sinto uma instabilidade, percebo seu esforço para se manter conectada a si mesma e a mim, ao mesmo tempo em que luta contra algo que emerge com muita força dentro dela. Um sentimento de abandono, de rejeição violenta. Há um vazio, uma dor que por mais próximas que possamos estar ela nunca vai deixar de experimentar essas vivências.

Entendo que no terceiro fragmento a eclosão dessas manifestações da mente primordial emerge com força total. Rompe-se a cesura que poderia impedir a invasão do incognoscível que aterroriza. Alexandra se desespera. É tomada por uma torrente de desvalorização e culpa. Sente-se impotente, incapaz, nociva para os filhos e para si mesma. A lembrança da gangue emerge neste momento. A vivência é de destruição. Em meio ao caos surge o grupo das meninas que estão se organizando para as Olimpíadas. Seria a esperança na caixa de Pandora? Abraço essa esperança. Lembro-me de Vismundo e do quanto expandiu o universo de Biela. Grande Vismundo! Grande Freud! Que nos brindou com a Psicanálise!

Agarrei-me à esperança! Em meio a uma colocação digo:

G – Tenho a impressão de que, apesar da dor, do sofrimento e da consciência de que talvez não possamos mudar tudo, quem sabe uma nova visão possa te ajudar a suportar essas vivências destrutivas.

Como nos sugere Braga, nos domínios da mente primordial essa é nossa tarefa: conseguir identificar, reconhecer e ajudar o paciente a tolerar. Há limites em nosso trabalho e na possibilidade dos pacientes alcançarem transformações.

O trabalho clínico embasado neste novo modelo de mente a que se propõe Bion (1965) a partir de *Transformações* dá ênfase a um inconsciente a ser construído e ser reconhecido em seus limites de cognoscibilidade. No encontro apaixonado entre duas mentes, o analista poderá dispor de muitos recursos técnicos, se estiver atento às diversas dimensões em que o paciente se manifesta. Essa visão amplia nosso vértice de observação por um lado, e também nos coloca diante de um limite. Sim, um limite: nem toda a realidade psíquica pode ser transformada. Entretanto, voltemos a Freud.

E, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade – isto é, no reconhecimento de uma realidade – e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano. (Freud, 1937, p. 265)

Concluo esse texto com o sentimento de confiança e beleza na verdade, seja qual for à realidade a ser revelada, construída ou tolerada.

Oxalá a psicanálise e os psicanalistas possam sempre estar unos na verdade!

Pasión, turbulencia y crecimiento en la clínica contemporánea

Resumen: La autora ace una correlación entre la pasión y sufrimiento, que en la vivencia de turbulencia del análisis de Alexandra acompaña el surgimiento de conocimiento y crecimiento, por un lado; por otro, plantea la hipótesis de que estamos expuestos al contacto con aspectos de la mente primordial que son diferenciables de las manifestaciones alucinatorias. Estas cobran vida en la sesión y se confunden con elementos simbolizables, pero que, sin embargo, no pueden ser pensados, solamente sentidos y tolerados

por la dupla. Destaca que el trabajo clínico basado en un nuevo modelo de mente, que propone Bion a partir de *Transformaciones* (1965), enfatiza un inconsciente a ser construído y a ser reconocido en sus límites de cognoscibilidad. Hace una reflexión sobre algunas formas de aproximación a la clínica: el vértice por el cual podemos aproximarnos a la situación clínica y cuales son las teorías que sostienen mi visión.

Palabras clave: pasión, turbulencia, crecimiento, clínica contemporânea, mente primordial, inconsciente construído

Passion, turbulence and growth in contemporary clinic

Abstract: The author makes a correlation between passion and suffering, which in the experience of turbulence in Alexandra's analysis accompanies the emergence of knowledge and growth, on the one hand; on the other, she raises the hypothesis that we are exposed to contact with aspects of the primordial mind that are distinguishable from hallucinatory manifestations. These come to life in the session and are mistaken for symbolic elements, but which, however, cannot be thought, only felt and tolerated by the pair. She highlights that the clinical work based on a new model of mind, proposed by Bion in *Transformations* (1965), emphasizes an unconscious to be built and to be recognized in its limits of knowability. She reflects on some forms of approach to the clinic: the vertex through which we can approach the clinical situation and which theories sustain my view.

Keywords: passion, turbulence, growth, contemporary clinic, primordial mind, constructed unconscious

Referências

- Bion, W. R. (1976a). Emotional Turbulence. In *Clinical Seminars Brasilia and São Paulo and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1976b). Evidence. In *Clinical Seminars Brasilia and São Paulo and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1979). Making the best of a bad job. In *Clinical Seminars Brasilia and São Paulo and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood Press.

- Bion, W. R. (1992). Bion em Nova Iorque e em São Paulo. In *Conversando com Bion* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro*. (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1976-1978)
- Bion, W. R. (2004a). *Os elementos da psicanálise*. (J. Salomão, Trad.; E. H. Sandler e P. C. Sandler, Rev.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Braga, J. C. (2011). As experiências emocionais do analista como fio condutor nos labirintos da mente multidimensional. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion 2011 – *Clínica: mitos, sentidos, paixões*. Porto Alegre.
- Dourado, A. (2005). *Uma vida em segredo*. Ediouro.
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Hartke, R. (2009). Turbulência psicológica na situação analítica. Conferência de encerramento do Congresso Internacional de Bion, 2009. Publicado em inglês: Growth and Turbulence Container/Contained. Bion Continuing Legacy-2013. (Howard B. Levine and Lawrence J. Brown, Eds.).
- Junqueira Mattos, J. A.; Braga, J. C. (2009). Consciência moral primitiva: um vislumbre da mente primordial. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion 2009 em Boston. Publicado em inglês: Growth and Turbulence Container/Contained. Bion Continuing Legacy-2013. (Howard B. Levine and Lawrence J. Brown, Eds.)
- Meltzer, D.; Williams, M. H. (1995). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. (P. C. Sandler, Trad.). Imago.
- Silva, M. P. (2013). Pathos: paixão-conhecimento-sofrimento. Texto apresentado no Grupo das Conversas Psicanalíticas na SBPSP.

Gisèle de Mattos Brito
gisele-brito@uol.com.br